

SIMPÓSIO AT202

CONSEQUÊNCIAS DO CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE A LÍNGUA GERAL BRASÍLICA E PORTUGUÊS

Bárbara Heliadora Lemos de Pinheiro SANTOS
PG/UnB
e-mail: barbarahpsantos@gmail.com

Resumo

Diante da tamanha diversidade linguística encontrada no território brasileiro durante a colonização, houve a necessidade de se escolher uma língua supraétnica para a administração da colônia e catequização dos indígenas. Na região litorânea do território brasileiro, a língua escolhida foi o Tupinambá – língua de uso generalizado em grande parte da costa (cf. Altman, 2003). Em 1616, ao se iniciar a colonização portuguesa no Maranhão, no Pará e na Amazônia, houve uma interação entre portugueses e falantes de Tupinambá que desencadeou o surgimento de uma população mestiça de mães indígenas e de pais portugueses, cuja língua de comunicação era o Tupinambá (Rodrigues, 1996). Essa língua supraétnica foi diferenciando-se do Tupinambá e passou a ser chamada de Língua Geral Brasílica (LGB). Atualmente, a LGB é falada no Alto Rio Negro e é chamada de *Nheengatu* desde o século XIX. O objetivo deste trabalho é, então, investigar quais foram as consequências para o inventário fonológico da LGB desse duradouro contato. Essa investigação se dará a partir da análise de empréstimos linguísticos, vindos do Português para a LGB, com ou sem adaptação fonológica. Os dados serão levantados a partir da vasta documentação histórica existente sobre a LGB que se divide em gramáticas, catecismos, vocabulários, dicionários e registro de lendas em *Nheengatu*. O que já se pôde perceber, por exemplo, é a ascensão da fricativa pós-alveolar surda /ʃ/ como fonema (alofone da fricativa alveolar surda /s/ até por volta do século XIX) e o desaparecimento das pré-nasalizadas [ᵐb, ᵐd e ᵐg], segmentos que podem ter auxiliado na emergência da tripla oposição /b, d, g/ e /m, n e ɲ/.

Palavras-chaves: Contato; Consequências; Inventário Fonológico; Empréstimos lexicais.

Abstract

Given the linguistic diversity found in the Brazilian territory during colonization, it was necessary to choose a supra-ethnic language for the administration of the colony and catechization of the indigenous people. In the coastal region of the Brazilian territory, the language chosen was Tupinambá - a language widely used in much of the coast (cf. Altman, 2003). In 1616, when Portuguese colonization began in Maranhão, Pará and the Amazon, there was an interaction between the Portuguese and the speakers of Tupinambá that triggered the emergence of a mixed population of indigenous mothers and Portuguese fathers, whose language of communication was Tupinambá (Rodrigues, 1996). This supra-ethnic language was differentiated from Tupinambá and became called the *Língua Geral Brasílica* (LGB). Currently, LGB is spoken in the Upper Rio Negro and has been called *Nheengatu* since the 19th century. The objective of this work is, then, to investigate the consequences for the phonological inventory of LGB of this long-lasting contact. This investigation will be based on the analysis of lexical loanwords, coming from Portuguese to LGB, with or without phonological adaptation. The data will be gathered from the vast historical documentation on LGB, which is divided into grammars, catechisms, vocabularies, dictionaries and the recording of legends in *Nheengatu*. What has already been noticed, for example, is the rise of the post-alveolar deaf fricative /ʃ/ as phoneme (allophone of the deaf alveolar fricative /s/ until around the nineteenth century) and the disappearance of the prenasalized [ᵐb, ᵐd e ᵐg], segments that may have helped in the emergence of the triple opposition /b, d, g/ and m, n and ɲ/.

Keywords: Contact; Consequences; Phonological Inventory; Loanwords.

Introdução

No início da colonização brasileira, colonizadores portugueses acabaram se deparando com uma vasta diversidade linguística existente no território brasileiro – conforme Rodrigues (1993, p.91), existiam, aproximadamente, 1.175 línguas indígenas distintas nesse período. A partir do contato com tamanha diversidade, houve a necessidade de escolha de determinadas línguas para fins comunicativos por parte da Coroa Portuguesa.

Na região litorânea do território brasileiro, a língua escolhida foi o Tupinambá – língua de uso generalizado em grande parte da costa (cf. Altman, 2003). Em 1616, ao se iniciar a colonização portuguesa no Maranhão, no Pará e na Amazônia, houve uma interação entre portugueses e falantes de Tupinambá, que, de acordo com Rodrigues (1996), desencadeou o surgimento de uma população mestiça de mães indígenas e pais portugueses, cuja língua de comunicação era o Tupinambá. Nessa situação, a língua falada foi progressivamente reajustando-se e diferenciando-se do Tupinambá. Essa “nova” língua desenvolveu-se e passou a ser chamada de Língua Geral Brasileira (doravante, LGB). A partir da metade do século XIX até os dias de hoje, essa língua recebeu a denominação de Nheengatu por Couto Magalhães (1976).

Tendo em vista o intenso e duradouro contato entre falantes da língua indígena e de português, este trabalho propõe discutir as mudanças no inventário fonológico ocorridas entre o Tupinambá e o Nheengatu falado no Rio Negro.

Para ser possível realizar essa discussão, foram utilizadas documentações feitas por padres jesuítas e viajantes entre os séculos XVI e XX, além da Fonologia e Gramática do Nheengatu, descrita por Cruz (2011).

1. Tupinambá, LGB e Nheengatu: inventário fonológico

Nesta seção, são descritos os inventários fonológicos do Tupinambá, da LGB e do Nheengatu com o objetivo de enumerar, brevemente, as mudanças sofridas pelos inventários dessas línguas.

1.1 Inventário fonológico do Tupinambá e da LGB

Rodrigues (1953) propõe um inventário fonológico para o Tupinambá. O autor afirma que essa língua possui as consoantes oclusivas surdas /p, t, k/; as oclusivas sonoras nasalizadas /mb, nd, ŋg/¹; as consoantes nasais /m, n, ŋ/; a consoante /b/², as fricativas surdas coronal /s/ e palatal /ʃ/³, além do tepe /r/. Além dos seguimentos consonantais, esse autor aponta, ainda como fonemas, os glides /j, w/, embora o autor não tenha apresentado pares mínimos que possam caracterizá-los como fonemas e não como alofones, e as vogais /a, e, i, o, u, i/ e suas respectivas nasais.

Com as observações realizadas, é perceptível que a análise de Rodrigues (1953) é muito mais fonética que fonológica. Isso porque o autor coloca como fonema segmentos que, na verdade, possuem a sua ocorrência previsível, o que os caracteriza como alofones. Nesse caso, o inventário fonológico para o Tupinambá utilizado neste trabalho é o proposto por Cruz (2011), figura 1, que, embora estude o Nheengatu, propõe um inventário fonológico para o Tupinambá ao estudar o desenvolvimento histórico entre essas duas línguas.

Figura 1: Sistema consonantal do Tupinambá

Labial	Coronal	Dorsal
p	t	k
m	n	ŋ
	s	
	r	

Sobre as vogais, o Tupinambá possui um total de seis vogais orais, sendo elas: uma vogal central, baixa e não arredondada [a], uma vogal anterior, média alta e não arredondada [e], uma vogal anterior, alta e não arredondada [i], uma vogal central, alta e não arredondada [ɨ], uma vogal posterior média alta arredondada [o], uma vogal posterior, alta e arredondada [u]. Todas as vogais orais têm a sua respectiva vogal nasal, exceto pela vogal [u], conforme a análise de Rodrigues (1953).

¹ Aqui, trata-se, na verdade, dos segmentos pré-nasalizados [ʰmb, ʰnd e ʰŋg], que, ao contrário do que Rodrigues (1953) propõe, não são fonemas, mas alofones das nasais plenas, devido às suas ocorrências previsíveis.

² Trata-se aqui do segmento [β], que, na verdade é alofone da nasal plena /m/, devido à previsibilidade de sua ocorrência.

³ A fricativa palatal surda [ʃ] é alofone do fonema /s/.

Figura 2: Sistema vocálico do Tupinambá

i	ĩ	u
e	a	o
ĩ	ɣ	õ
ẽ	ã	

A única diferença em relação ao inventário fonológico entre o Tupinambá e a LGB é, no século XVIII, a emergência da fricativa palatal surda /j/ como fonema, mudança apontada por Monserrat (2003), que será discutida mais adiante na seção 2.1.

1.2 Inventário fonológico do Nheengatu

O sistema consonantal do Nheengatu, conforme Cruz (2011, p. 86), já se difere bastante do sistema do Tupinambá. O inventário fonológico do Nheengatu conta, diferentemente dos inventários do Tupinambá e da LGB, com a tripla oposição entre oclusivas surdas e sonoras e nasais plenas /p, t, k/; /b, d, g/; /m, n, ŋ/, além das fricativas surdas coronal e palatal /s/ e /ʃ/, respectivamente, e do tepe /r/, como é mostrado na Figura 3.

Figura 3: Sistema consonantal do Nheengatu

		LABIAL	CORONAL		DORSAL	
			[+ant]	[-ant]		
- soante	- voz	p	t		k	- contínuo
- soante	+ voz	b	d		g	- contínuo
- soante	- voz		s	ʃ		+ contínuo
+ soante	(+ voz)	m	n	ɲ		- contínuo
+ soante	(+ voz)		r			+ contínuo

O sistema vocálico do Nheengatu do Rio Negro foi reduzido, passando de seis para quatro vogais, após a neutralização do [i] e do [ĩ] e do [o] e do [u], como é mostrado na figura 4. Não há, até o momento, evidências que comprovem que essa neutralização está ligada ao contato com o português. No entanto, conforme Cruz (2011, p. 111 e 112), pôde-se observar que as línguas Arawak do norte, *substratum* do Nheengatu falado no rio Negro, possuem, igualmente,

as mesmas quatro vogais orais, enquanto o Nheengatu falado pelos Santeré-Mawé permanece mantendo a oposição entre /i/ e /i:/ e entre /o/ e /u/.

Figura 4: Sistema vocálico do Nheengatu

CORONAL	DORSAL		
i ã		u õ	+ alto - baixo
e ê			- alto - alto
	a ã		- alto + baixo

2. Mudanças no inventário fonológico do Tupinambá ao Nheengatu

Nesta seção, são discutidas as mudanças ocorridas no inventário fonológico do Nheengatu, em comparação com o Tupinambá e com a LGB, e que podem ter como uma das causas o contato com o português.

2.1 Emergência da fricativa palatal como fonema

Conforme Cruz (2011, p.88), a fricativa surda /s/ [CORONAL] [+anterior] era realizada, no Tupinambá, como [ʃ] [CORONAL] [-anterior] diante da vogal /i/ [CORONAL] [-anterior], pela assimilação do traço [-anterior].

O exemplo (1) abaixo demonstra que, até mesmo nos empréstimos, a alofonia ocorria.

(1)

Português

<camisa> [ka. 'mi.za]

LGB

<camixá> [ka.mi. 'ja]⁴

Em outros empréstimos, em (2), entretanto, a fricativa palatal permanece sem sofrer qualquer tipo de adaptação, ainda que ocorra em um ambiente no qual, no vocabulário nativo, só é possível a realização do segmento /s/. Isso pode ser explicado pelo fato de a LGB já conhecer o som /j/ e, portanto, não sentir a necessidade de adaptá-lo. Esses empréstimos podem ter auxiliado na emergência desse segmento como fonema, que, conforme Monserrat (2003, p.193), já contrasta fonologicamente com /s/ no século XVIII.

⁴ Conforme Cruz (2007), para haver a alofonia, o LG seleciona os traços [CORONAL] [+anterior] do segmento /z/, mas não o traço [+voz], o que acarreta a interpretação da consoante como /s/, permitindo a assimilação.

(2)

Ambiente	Português	LGB	Glosa
#__	[si. 'rĩ.ŋga] [ja. 'pɛw] ['ja.vi]	[ʃi. 'rĩ.ŋga] [ja. 'pɛwa] ~ [ju. 'pɛw] [a. 'vi]	'seringa' 'chapéu' 'chave'
a__; u__	[ka. ju. 'ej.ra] ['tri.pa]	[ka. ʃiw. 'ej.ra] ['bu.ju]	'cachoeira' 'tripa'

Outros dois fatores, além dos empréstimos, impulsionaram a emergência da fricativa palatal surda /j/ como fonema. O primeiro é a perda de contraste entre as vogais /i/ e /i/, como já foi observado na seção anterior, que fez com que, conforme Cruz (2011, p. 88), emergissem contextos nos quais ocorriam tanto [i.sV] quanto [i.V], demonstrado em (3). O segundo é que, ainda de acordo com Cruz (2011, p. 88), o Nheengatu tem a tendência de restringir sílabas com coda em meio de palavras. Dessa maneira, o glide [j], presente em etapas anteriores da língua, foi apagado, o que fez com que o [j] ocorresse em contextos distintos do esperado, como é demonstrado em (4).

(3) **Nheengatu**

/ki'se/ [ki.'sɛ] 'faca' /pi'je/ [pi.'ʃɛ] 'fedor'

Cruz (2011)

(4) **LGB**

<tuixáua> 'chefe'

Nheengatu

/tu'ʃaua/ [tu.'ʃa.wa] 'chefe'

Stradelli (1929)

2.2 Emergência dos segmentos oclusivos /b, d/

Nos primeiros séculos de contato linguístico, os padres jesuítas, como Anchieta (1595) e Figueira (1621), não compreenderam a complexidade dos segmentos pré-nasalizados e os trataram apenas como consoantes subsequentes. Até mesmo no registro de palavras cujos segmentos pré-nasais eram presentes houve uma certa confusão por parte dos escritores, que ora registravam essas palavras com <mb>, ora com <m>, como é mostrado em (5).

(5)

PB	LGB
<jantar> [ʒãn.'taR]	<jandára> [ja. 'n'dára]
<barriga> [ba.'Ri.ga]	<maríca> [ma.'rĩ.ka]
<quintal> [kĩn.'tal]	<kendara> [ke.'n'da.ra]
<seringa> [si.'rĩ.ŋga]	<xeringa> [ʃi.'rĩ.ŋga]

Já no século XIX, Barbosa Rodrigues (1890, p.65), assim como outros autores, aponta uma tendência à redução dos contornos [ᵐb, ᵐd, ᵐg] a nasais plenas ou a oclusivas, ao dizer que “todas as palavras que tinham este som [mb] foram mudadas ou para [b] ou para [m]”.

De acordo com Cruz (2011, p. 94), no Nheengatu falado atualmente, os segmentos pré-nasalizados desapareceram completamente, além de ter emergido uma série de oclusivas sonoras /b, d, g/ como fonemas no Nheengatu do Rio Negro. Ainda de acordo com essa autora, uma série de processos internos à língua, que podem ter sido favorecidos pelo contato com línguas Arawak e com o Português, línguas que não possuem os segmentos pré-nasalizados, forneceu material fonético para o surgimento dessa série de oclusivas sonoras.

2.3 Emergência do /g/

Segundo Cruz (2011, p. 100), nos primeiros estágios de desenvolvimento da LGB, o segmento fricativo dorsal sonoro [ɣ] passou a ocorrer como epêntese com o objetivo de facilitar a pronúncia da vogal dorsal [i] antes de outra vogal oral - em um contexto nasal, a consoante epentética era [ŋ]. O processo, demonstrado em (6), desenvolveu-se pelo aumento de falantes não nativos de LGB.

(6)

LGB	Nheengatu
<apyâba>	/api'aba/ [a. pi.'ɾa.ba] 'homem'
<ygara>	/i'ara/ [i.'ɾa. ra] 'canoa'

Navarro (1998)

Cruz (2011, p.100) acredita que, possivelmente, pelo contato com o Português e com línguas Arawak, línguas que não possuem a fricativa dorsal [ɣ], esse segmento passa por um processo de fortificação do qual emerge /g/ [g].

Considerações finais

Conforme dito na introdução deste trabalho, o Tupinambá, ao entrar em contato com o Português, sofreu alterações estruturais e recebeu o nome de

LGB. Hoje, a língua que recebeu, a partir do século XIX, o nome de Nheengatu também já demonstra distinções em seu inventário fonológico se comparada tanto ao Tupinambá quanto à LGB.

Os empréstimos do Português encontrados nos permitem perceber algumas mudanças fonéticas na língua nativa, mas eles, sozinhos, não suficientes para compreendermos as causas das mudanças fonológicas nessa língua, sobretudo porque o Português, embora tenha sido uma língua de contato intenso e duradoura, não é a única língua com a qual falantes de LGB entraram em contato. Apesar disso, acredita-se que, pela sua estabilidade, os empréstimos tendem a ter um papel relevante na mudança de um sistema.

Referências bibliográficas

- ALTMAN, C. As línguas gerais sul-americanas e a empresa missionária: linguagem e representação nos séculos XVI e XVII. In: FREIRE, J. R. B.; ROSA, M. C.(Org.). Línguas Gerais: Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 57-83.
- ANCHIETA, J. de. Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil. São Paulo: Loyolla, 1990[1595].
- COUTO DE MAGALHÃES, J. V. O Selvagem. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1876.
- CRUZ, A da. Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa. Utrecht, Países Baixos: LOT, 2011.
- LEMO BARBOSA, Pe. A. *Curso de Tupi Antigo*. Gramática, exercícios e texto. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- MONSERRAT, R., M. F. O tupi do século XVIII (tupimédio). In: FREIRE, J. R. B.; ROSA, M. C. (Orgs.) Línguas Gerais - Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 185-194.
- NAVARRO, E. de A. Método moderno de Tupi Antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos. São Paulo: Editora Vozes, 1998.
- RODRIGUES, A. D. Morfologia do Verbo Tupi. Letras v.1, p. 121-152, 1953.
- _____. Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- _____. Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. DELTA v. 9.1: 81-103, 1993.
- _____. As línguas gerais sul-americanas. *PAPIA - Revista de Crioulos de Base Ibérica*, v. 4, n. 2, p. 6-18, 1996b.
- RODRIGUES, J. B. Poranduba Amazonense. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1890.
- STRADELLI, C. E. Vocabulário da língua geral português–nheengatu e nheengatu-português, precedidos de um esboço de grammática nheengambuê-sáua. Rio de Janeiro. Revista do IHGB 104 (158), p. 9 – 768, 1929